

ESTADOS  
ARNON DE MELLO  
SENADOR DA REPÚBLICA

# CIENTISTAS - MENINOS

GRÁFICA EDITORA SÃO PEDRO  
MACEIÓ - ALAGOAS  
BRASIL



**ARNON DE MELLO**

Senador da República

# **CIENTISTAS-MENINOS**

Serviços Gráficos GAZETA DE ALAGOAS

Maceió — Alagoas

**DISCURSOS DO SENADOR ARNON DE MELLO NO SENADO FEDERAL  
JÁ PUBLICADOS**

**Desenvolvimento Científico e Tecnológico**

**Energia Nuclear**

**Pesquisa**

**Emigração de Cientistas**

**Ciência e Democracia**

**América Latina: Educação e Desenvolvimento**

**Lindolfo Collor**

**Inquérito Parlamentar Sobre o "Brain Drain"**

**Perfis**

**Responsabilidade do Legislador**

**Vereadores**

Para correspondência e pedidos:  
Rua México, 168 — 10.º — Salas 1001/05  
Rio de Janeiro

**MANIFESTAÇÃO DO MINISTRO  
DO EXÉRCITO**



Senhor Presidente: (\*)

Apraz-me comunicar à Casa haver recebido o seguinte telegrama do eminente General Lyra Tavares, Ministro do Exército:

“Senador Arnon de Mello — Brasília — Receba o ilustre amigo meus efusivos aplausos pelas clarinadas de sua palavra autorizada, acordando o Brasil para a jornada da pesquisa e da tecnologia. Cordialmente, *General Lyra Tavares*, Ministro do Exército.”

Este telegrama, Senhor Presidente, não se dirige propriamente a mim, mas ao Senado que, com a visão da gravidade dos problemas do mundo de hoje, demonstrou seu empenho pelo desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil quando enviou uma delegação de Senadores à Conferência Internacional de Energia Atômica de Viena e à Conferência de Radioisótopos de Tóquio e acaba de criar uma Comissão Permanente de Energia Nuclear, sob a esclarecida Presidência do Senador Nogueira da Gama.

A manifestação do ilustre General Lyra Tavares tem a maior significação, não apenas pelo elevado cargo que exerce no Governo e pela sua condição de chefe militar, mas também pela sua inteligência, pela sua cultura e pela sua sensi-

---

(\*) Palavras pronunciadas pelo Senador Arnon de Mello na Sessão do Senado Federal de 15 de março de 1968, em Brasília.

bilidade. Ainda há pouco, na aula inaugural com que abriu os Cursos da Escola de Estado-Maior do Exército, admirável página de pensamento em que traçou a posição das Fôrças Armadas na sociedade moderna, defendeu o General Lyra Tavares a essencialidade da tecnologia para acelerar o desenvolvimento e garantir a própria soberania das Nações. E há poucos anos teve oportunidade de estudar, com o espírito dos novos tempos, os problemas do Nordeste, indicando, em conferência pronunciada na Escola Superior de Guerra, providências as mais lúcidas para a solução dêles.

É, assim, de um eminente brasileiro, com importância pelas elevadas funções que exerce e com importância por si mesmo, que recebemos incentivo e apoio para prosseguir na campanha em favor do desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil.

**O BRASIL NÃO ESTÁ INDIFERENTE  
AOS NOVOS TEMPOS**



Senhor Presidente, Senhores Senadores: (\*)

Depois que por algumas vezes subi a esta tribuna para falar sôbre desenvolvimento científico e tecnológico, experimentei emoções diversas, a primeira das quais, sobremodo desvanecedora, me veio da atitude de Vv. Ex<sup>as.</sup>, eminentes colegas, que tiveram a paciência de aturar o desalinhavo dos meus dizeres e me concederam a honra de prestigiá-los com apartes.

A seguir, comecei a receber de vários cantos dêste país — do distante Amazonas como do Rio Grande do Sul — mensagens que me animavam a prosseguir no debate dos assuntos de tanto interêsse nacional de que aqui me tenho ocupado. Logo de início chegou-me generoso telegrama do Senhor Ministro da Guerra, o eminente General Lyra Tavares, que alia às suas qualidades de chefe militar as de homem de cultura com a sensibilidade voltada para a necessidade e urgência de enveredarmos pelos caminhos da ciência e da tecnologia. Como sempre, não me faltaram, com a sua solidariedade indispensável, as minhas Alagoas. A Assembléia Legislativa do Estado e a Câmara de Vereadores de Maceió, além de outras, me enviaram votos de congratulações e me convidaram a ocupar suas tribunas para falar sôbre o mesmo tema que aqui tenho debatido. Também as Câmaras de Vereadores de municípios de diferentes Estados, entre elas a de Recife, em Pernambuco, e a de Londrina, no Paraná, distinguiram-me com suas moções de apoio. A Assembléia Legislativa de Pernambuco mandou-me votos de incentivo. A Assembléia Legislativa da Guanabara, pela sua Comissão de Economia, represen-

---

(\*) Discurso pronunciado pelo Senador Arnon de Mello na sessão do Senado Federal de 6 de junho de 1968, em Brasília.

sou-me as suas congratulações, e convidou-me a ali falar sobre desenvolvimento científico e tecnológico. A velha Bahia, pelo seu eminente Governador, dirigiu-me convite para fazer conferências em sua Universidade. De São Paulo, de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e de outros Estados, recebi igualmente desvanecedoras manifestações de estímulo.

Não refiro aqui tais manifestações, nobres e eminentes colegas, por vaidade pessoal, tanto considero cabem elas ao Senado, que do Senado recebi a missão de ir à Conferência de Energia Atômica de Viena, e ao Senado devo o incentivo para os meus pronunciamentos nesta tribuna. A elas aludo especialmente para melhor evidenciar que o Brasil não está indiferente aos novos tempos, e, ao contrário, quer, ansioso, desenvolver-se na base do instrumental que êles proporcionam.

### APLAUSOS E AGRAVOS

Se destaco, Senhor Presidente, a alegria dos aplausos que reconhecem o meu empenho em servir ao meu Estado e ao meu País e que acolho com humildade, cumpre também refira eu o amargor dos agravos e calúnias às vêzes difíceis de destruir, porque nem sempre se apresentam à luz do dia mas na penumbra do diz-que-diz e da insídia espalhados à socapa.

Recebo-os sempre, aos assaltos da calúnia, com a serenidade de quem a sabe irrevogável tributo a ser pago neste mundo.

Recorde-se o Basílio, do “Barbeiro de Sevilha”, de Beaumarchais:

“A calúnia, Senhor, a calúnia!

Não sabeis o que desdenhais.”

“Caluniai, caluniai.

Sempre restará alguma coisa.”

Dois séculos antes, com o seu proverbial cinismo e amoralidade, já Bacon dissera:

“Sempre fica alguma coisa do caluniar audacioso.”

E Shakespeare, através de Hamlet (III. I), dirigindo-se a Ofélia:

“Eu te dou por dote esta verdade maldita: sejas casta como o gelo, pura como a neve, e não escaparás da calúnia.”

E São Francisco de Salles, considerando a inevitabilidade da calúnia, prega, por seu lado, na *Introdução à Vida Devota* (3a. parte Capítulo V) :

“A indiferença e o desprêzo pela injúria e calúnia são, de ordinário, remédio muito mais salutar que o ressentimento, a contestação e a vingança: o desprêzo as faz desaparecerem; se com elas nos irritamos, como que as reconhecemos. Os crocodilos não atacam senão aqueles que os temem, e a maledicência, por certo, senão os que com ela se preocupam.”

Nunca receei ou me preocupei com a calúnia nem por causa dela perdi jamais a serenidade. Nunca, na minha vida pública, atentei na malignidade dos seus botes para fazer ou deixar de fazer algo que reputasse do meu dever. Mas tenho que é positivo antepor-lhe a verdade no sentido de eliminar-lhe os efeitos, como, utilizando os antídotos, se neutralizam as picadas venenosas das serpentes.

## INSÍDIA

Dois dignos jornalistas alertaram-me para o que à bôca pequena não-sei-quem espalha a respeito da minha determinação de, cumprindo, aliás, meu dever para com o Senado, colaborar com as minhas palavras no sentido de acordar o Brasil para a realidade ofuscante da ciência e da tecnologia.

O que não-sei-quem divulga em primeiro lugar, Senhor Presidente, é que estou agindo por ambição: prego a necessidade da implantação do Ministério da Ciência e Tecnologia para ser Ministro. Ora, Senhores Senadores, não se põe de pé o aleive. Quando retornei da minha viagem em volta do mundo, logo procurei falar com o Senhor Presidente da República, a quem, embora sem ser um frequentador de Palácio, dedico amizade desinteressada, e por cujo bom êxito no desempenho da missão de govêrno, que lhe foi confiada nesta hora histórica, faço os mais ardentes votos. Transmiti a S. Ex<sup>ª</sup> as minhas impressões sôbre o que vi e ouví lá fora, e destaquei os problemas de subdesenvolvimento que aqui podem ser mais ràpi-

damente vencidos se nos valermos, como outras nações o têm feito, dos instrumentos da ciência e da tecnologia. Falei-lhe com a maior sinceridade, evidenciando também não pretender trocar por qualquer outra posição esta cadeira do Senado, com que tanto me honrou o povo alagoano, pois tenho que nela poderei ser mais útil ao meu Estado e ao meu País.

## RIDÍCULO

A insídia me atribui ainda. Senhores Senadores, outro objetivo, que não se caracteriza menos pela grosseria que pelo ridículo: estaria eu querendo nada mais que vender reatores estrangeiros ao Govêrno do Brasil.

Valha-me Deus, Senhor Presidente, para manter-me sempre a paciência. Aliás, na principal coluna do modesto diário que mantenho em circulação na capital do meu Estado e no patamar da minha casa em Maceió, lê-se esta frase: “Eu não sou nada, mas a verdade é tudo.” A frase é de Abraão Lincoln, e se confunde com a própria verdade. Consideremos, com Jacques Maritain, que a noite, por mais negra, por mais profunda, sempre é vencida pela luz do alvorecer. A intriga, a mentira, a infâmia, a calúnia, por mais terríveis, não evitam a verdade.

## INTERESSE DO BRASIL

E no meu caso, Senhor Presidente, nada mais fácil do que pulverizar a infâmia. Recordam-se os nobres colegas que fui à Conferência Geral de Energia Atômica de Viena, em fins de setembro do ano passado, integrando a delegação do Senado. Ao ter conhecimento de que participaria do Conclave, como observador parlamentar, procurei estudar ainda aqui o assunto e, empolgado por êle, pelo que tem de fundamental no interesse do Brasil, antes mesmo de viajar falei a seu respeito desta tribuna. Em Viena, dediquei-me, noite e dia, a acompanhar as comunicações e os debates sôbre os avanços da tecnologia nuclear. Os meus companheiros de delegação, os nobres Senadores Pedro Ludovico e Júlio Leite, foram

testemunhas do meu empenho em pesquisar e conhecer tudo o que se relacionava com o objetivo do Conclave. E, terminado êste, decidi, depois de ouvir tanto sôbre as maravilhas do átomo para o bem estar da humanidade, visitar, com os meus próprios recursos, várias nações, a fim de ver o que elas faziam não sômente no campo específico da energia nuclear mas ainda no campo mais amplo da ciência e da tecnologia. Estive, como aqui já referi, na Suíça, na Inglaterra, França, Israel, Índia, China Nacionalista, Japão, Canadá e Estados Unidos. Não fiz viagem de turista mas de estudante, e estudante curioso, querendo visitar tudo, desde, muitas vêzes, as sete horas da manhã, e lendo e conversando com cientistas e técnicos até alta madrugada.

## DOIS EPISÓDIOS

Destaco dois episódios que bem respondem aos assaltos da insídia. Na Inglaterra, não aceitei o convite para fazer uma visita ao British Overseas Export. Como se trata de emprêsa comercial destinada a vender reatores, justifiquei a recusa declarando que, representante do Poder Legislativo, não me sentia em condições de cuidar de assunto que competia a representantes do Poder Executivo. No Canadá, em Montreal, na presença do Cônsul do Brasil, quando, numa reunião, alguém me falou sôbre compra e venda de reatores, imediatamente cortei a conversa, acentuando que o meu objetivo era sômente conhecer os avanços científicos e tecnológicos do país.

O assunto não me interessava realmente, e tanto mais quanto estou de acôrdo com aqueles que defendem, como o professor Roberto Salmeron, que o Brasil deve construir aqui dentro os seus reatores. Já não construímos as nossas locomotivas, os nossos caminhões, os nossos automóveis? Não temos cientistas e tecnólogos capazes de encaminhar o país num arrojado programa de industrialização em termos dos novos tempos? Não há tantos brasileiros nas nações mais adiantadas desempenhando em tal plano tarefas ainda de maior responsabilidade?

## JORNALISTA

Vê-se, por aí, Senhores Senadores, que a infâmia se desfaz por si mesma.

Não atino, entretanto, nas suas origens. Por que eu, vendedor de reatores ao Govêrno do Brasil? Não tenho companhia de importação nem de representações nem de comissões. Nunca fui, aliás, pròpriamente, um homem de negócios. Jornalista desde menino, participei da vida comercial premido pelas circunstâncias: nela ingressei quando se instaurou neste País o Estado Nôvo. Repórter político, inconformado com o acontecimento que à imprensa tirava a liberdade, logo deixei a atividade jornalística e fundei uma emprêsa de corretagem de imóveis. Lembro-me que, encontrando certa tarde, num de seus habituais passeios pelas ruas de Petrópolis, o Presidente Getúlio Vargas, que eu várias vêzes estrevistara para o diário em que trabalhava, perguntou-me S. Ex<sup>a</sup>:

— Que gostaria você de fazer?

— Em que sentido, Presidente? — indaguei, mostrando-me desentendido do alcance de sua pergunta.

— No sentido de suas inclinações intelectuais — disse-me S. Ex<sup>a</sup>.

— A! Presidente! — retruquei —, eu gostaria de continuar a ser repórter político. Mas como o Estado Novo acabou com a liberdade de imprensa, deixei o jornal, e fundei uma emprêsa de corretagem de imóveis.

— E isso dá para viver? — tornou S. Ex<sup>a</sup>, e com razão, pois a corretagem de imóveis apenas se iniciava então em nosso meio.

— Vou pelejando — respondi —, e espero ganhar o suficiente com que viver. O senhor não quer vender ou comprar algum imóvel?

O Presidente deu uma de suas boas risadas.

## MANDATO

Entrei, assim, no mundo do comércio, acidentalmente. Mas, eleito Governador de Alagoas em 1950, logo para-

lisei as atividades do meu escritório, a êle só voltando no fim do meu mandato. E hoje, representante do povo alagoano nesta Casa, não tenho nenhuma atividade comercial: meu escritório, no Rio, apenas conclui negócios já há anos iniciados.

Dedico-me inteiramente ao desempenho do meu mandato de Senador, sem outra preocupação que a de ser útil a Alagoas e ao Brasil. E creio que, estudando e debatendo temas de desenvolvimento científico e tecnológico, estou bem servindo a minha terra e a minha Pátria.

Já aqui fiz, Senhor Presidente, vários discursos: sôbre energia nuclear, sôbre desenvolvimento científico e tecnológico, sôbre pesquisa e sôbre emigração de cientistas. Agora, preparo-me para falar sôbre o problema educacional brasileiro, ponto de estrangulamento do nosso progresso. Mergulhando no tema desenvolvimento, é natural que me preocupe com a educação, e espero que não me atribuam interêsses comerciais em tal setor.

### DISSABORES E ALEGRIAS

Mas, Senhores Senadores, para que e por que a infâmia contra mim? Será que melindrei alguém com as palavras que aqui tenho pronunciado? Será que o apoio aos novos tempos fere a tal ponto os que se habituaram com os velhos tempos?

Lastimo, sinceramente, se tal se verifica, tanto o sentimento que me anima é o de contribuir para o bem, e nunca para o mal. Todavia, convencido da necessidade absoluta de integrar-se quanto antes o Brasil no mundo moderno, dentro da era nuclear e espacial, nada me arredará do empenho de lutar em favor do nosso desenvolvimento científico e tecnológico.

A vida pública, sabem Vv. Ex<sup>as</sup>, Senhores Senadores, é, para quem possui o sentimento do dever e age com espírito de missão, um interminável combater, cujos resultados nem sempre correspondem às intenções e às esperanças. Quem quer que nela ingressa desde logo se depara com a chocante

disparidade entre o infinito das necessidades e o limitado das possibilidades. Membro do Poder Executivo ou do Poder Legislativo, vivemos enquadrados em fronteiras que não se alargam na medida das nossas responsabilidades nem das exigências dos problemas sociais.

O terreno torna-se, então, propício às incompreensões, injustiças e hostilidades, sem falar das injúrias e calúnias. Na verdade, é bem elevado o preço que se nos cobra pela glória de servir o povo.

Os dissabores da vida política, matizados na impossibilidade de atender a justas expectativas e reclamos como nas asperezas das agressões gratuitas e dos erros de julgamento, são, entretanto, compensados pelas alegrias do dever cumprido, da consciência de ser útil à comunidade. E, em meio às incompreensões e injustiças, sente-se também o homem público confortado e fortalecido pelo apreço dos que sabem avaliar os esforços de quem age sob a inspiração do bem comum.

## VISITA DE CIENTISTAS-MENINOS

Ainda ontem, Senhor Presidente, quando meditava sobre esses temas, recebi em casa uma visita gratíssima ao meu coração de representante do povo. Visitaram-me, honrando-me com a sua confiança, seis cientistas, graves, sérios, amadurecidos, o menor deles ainda de calças curtas, com 13 anos de idade, e o maior com 15 — o Brasil que madruga para a luta pelo seu futuro que tarda. Porque soubessem que me empenho na aceleração do nosso desenvolvimento à base da ciência, foram falar-me dos estudos e experiências a que se dedicam. O chefe do grupo, de 15 anos, Luis Henrique Ceotto; ao lado do irmão, Francisco, de 13 anos, alunos respectivamente das 4ª e 3ª séries do curso ginásial, ao discorrer tão gravemente sobre tecnologia espacial, lembra-me, em que pese a sua verde fisionomia de garoto, velhos cientistas que me falaram aqui e lá fora.

## HISTÓRIA

Ouvi-o atentamente contar a sua história, que parece impossível, mesmo nesta era das descobertas prodigiosas. E é o que Luis Henrique me diz que venho transmitir a esta Casa.

Filho do engenheiro e professor de física Valeriano Ceotto, de raízes italianas, aos 7 anos recebeu de presente uma enciclopédia que leu com avidez. Desde logo interessou-se por astronáutica, e procurou conhecer a respeito tudo o que lhe fôsse possível.

Há três anos, ardendo por aplicar os seus conhecimentos, formou uma equipe, com o irmão Francisco, então de 10 anos, e mais quatro colegas de 12 anos. Por iniciativa própria, pediu ajuda ao Diretor, em Brasília, do Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, de quem recebeu a oferta de material velho de rádio-sonda de 1958, que, imprestável, ia ser jogado fora. Recuperou-o, com os seus companheiros, e o transformou em material para foguete. Recebeu ainda do mesmo Diretor um balão de rádio-sonda.

— Infelizmente, estava furado mas nós vamos consertá-lo — aparteia Francisco, o de 13 anos. Servirá para lançamento do nosso próximo foguete.

O Diretor do Ministério da Agricultura lhe deu várias explicações e lhe apresentou um técnico da FAB, o tenente Jansen, que lhe ofereceu um rádio-sonda de 1962, logo pela equipe transformado também em material para foguete.

## FOGUETE

— Além disso — fala Luis Henrique — o tenente Jansen nos apresentou o sub-tenente Alípio e o sargento Oliveira, do Serviço de Salvamento da Base Aérea de Brasília, que muito nos esclareceram e orientaram sobre os nossos intentos. O sargento Oliveira apresentou-me, por sua vez, ao Sr. Robert Caldwell, do Corpo de Voluntários da Paz. Relatei ao Sr. Caldwell as nossas experiências e lhe revelei que estávamos construindo um foguete a que chamamos Alvorada para subir a 65 ou 68 quilômetros. Pediu-nos êle o desenho do Alvorada,

e o mandou para a NASA (National Aeronautics and Space Administration), em Washington, que lhe respondeu imediatamente, enviando-nos material didático, vários livros e revistas, e nos dando preciosas informações.

Francisco volta a apartear o irmão:

— Aqui está a carta da NASA, de fevereiro dêste ano.

Diz ela:

“Notamos com interesse e recomendamos os esforços dêsses jovens que prosseguem nos seus intentos, apesar dos limitados meios de que dispõem.”

Luis Henrique ressalta que perdeu a valiosa colaboração do sargento Oliveira, transferido recentemente para Carolina, no Maranhão, mas com êle ainda se comunica, por carta.

## O PROJETO ALVORADA

Pergunto ao cientista-menino sôbre o projeto Alvorada. Mostra-me Luiz Henrique o desenho dêle, e dá-me realmente a impressão de estar ouvindo um cientista já carregado de anos:

— O Alvorada chegará no mínimo a 65 quilômetros de altura. Penetrará na ionosfera. Tirará fotografias da cobertura da terra. Transmitirá dados sôbre a temperatura, a pressão atmosférica, a umidade do ar, a intensidade da luz, o campo magnético da terra, a irradiação solar, a irradiação cósmica, a direção dos ventos e a gravidade. Fará um completo levantamento da ionosfera, graças ao que poderemos prever o tempo com um mês de antecedência.

Anote-se como o espírito público é uma das características do jovem cientista que me fala, empenhado em trabalhar pela Pátria:

— Todos êsses dados nós os forneceremos ao Serviço de Meteorologia de Brasília, que não é lá muito bom quanto à aparelhagem, embora possua técnicos excelentes.

E continua:

— Os foguetes brasileiros, chamados Aerobe e lançados na Barreira do Inferno, têm subido em média a 80 quilô-

metros. Os foguetes americanos, os Nike Hércules, lançados no Brasil, chegam a 180 quilômetros de altura. Na América do Norte, já se lançaram foguetes que subiram até a três milhões de quilômetros.

## PRECAUÇÕES

Luis Henrique prossegue na sua descrição do Alvorada. Fêz o projeto, prevendo riscos e tomando as precauções devidas:

— O Alvorada vai ser disparado a quarenta quilômetros de altura, de balão-sonda — o balão furado que nos foi ofertado pelo Diretor do Ministério da Agricultura e que vamos consertar. Assim decidimos para evitar riscos corporais e também para gastar menos combustível, pois, sendo o ar mais rarefeito, não oferece resistência maior ao foguete.

Faz uma pausa, e anota:

— Os foguetes brasileiros lançados da Barreira do Inferno, no Centro Nacional de Aeronáutica e Espaço, são disparados da terra, apoiados na sua superfície.

Volta a falar do Alvorada:

— Dirigido pelo rádio, se depois de disparado houver nêle alguma anormalidade, que ofereça perigo a alguém na terra, logo o rádio nos indicará.

— E o que se fará nesse caso? — pergunto a Luis Henrique.

— Aperta-se um botão a que chamamos “suicide-se”. e o foguete imediatamente se desintegra, transformando-se em cinzas.

Luis Henrique entra em minúcias sôbre o seu foguete:

— Lançado do balão pelo rádio, o Alvorada solta imediatamente as amarras e logo atinge grande velocidade no ângulo de 90 graus. A seguir, dispara-se um retro-foguete, que faz o Alvorada inclinar-se para o ângulo de 45 graus. Entre largar da terra, no balão, e cair, o Alvorada leva em média seis horas, mas pode êsse tempo estender-se a 8 e até 11 horas, dependendo das condições atmosféricas. Normalmente, o balão faz duas horas de vôo. Ao queimar o com-

SENADO FEDERAL

bustível, o que leva um minuto, o foguete ultrapassa a barreira do som e cai. Com o impulso, a cápsula continua voando, alcança mais 25 quilômetros de altura e permanece na ionosfera durante doze minutos. O retro-foguete é para reduzir-lhe a velocidade, porque, retornando a cápsula à estratosfera com velocidade excessiva, pode estourar. Abre-se, na volta à estratosfera, o paraquedas, e o Alvorada regressa suavemente à terra.

### E' PRECISO AJUDAR

*O Sr. Vasconcelos Tôrres* — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

OSR. ARNON DE MELLO — Pois não.

*O Sr. Vasconcelos Tôrres* — Quem está ouvindo o seu discurso com êle se emociona, como é o meu caso. Sua oração é uma reportagem *sui generis* porque é um Senador da República que vai a um núcleo juvenil, se entusiasma e resolve trazer ao conhecimento do Senado, e, portanto, do País, aquelas impressões magníficas colhidas dêsse pugilo de jovens que tem as suas atenções voltadas para os problemas tecnológicos nacionais e internacionais. Senador Arnon de Mello, não sei se aparteio V. Ex<sup>a</sup> como colega ou se intervenho no debate como pai e ainda como brasileiro e como representante de meu Estado aqui nesta Casa do Congresso Nacional. Que vamos fazer por êsses jovens, além dêste magnífico, dêste excelente, dêste oportuno, dêste brilhante, dêste momentoso discurso de V. Ex<sup>a</sup>? Que vamos fazer no sentido de que essa rapaziada de Brasília possa receber um estímulo, não apenas na área da nossa alçada, que é a da solidariedade e do elogio? V. Ex<sup>a</sup> bem o sabe e tem versado aqui os temas mais atuais da educação brasileira: estamos apresentando ao mundo revelações extraordinárias entre jovens brasileiros de menos de vinte anos. São os chamados mini-gênios. Há pouco tempo era um garôto de menos de dez anos que assombrava todo o País e a América Latina com um instrumento musical, um violão, executando clássicos. No meu Estado, o Estado do Rio, quero dizer a V. Ex<sup>a</sup>: um garôto engraxate e vendedor de amendoim — V. Ex<sup>a</sup> vai me permitir que mencione o nome dêsse jovem, Sebastião Muzzi —

foi para a televisão e deu um *show* de Matemática e de História, fêz, inclusive de cabeça, diversas operações de raiz quadrada. Depois, foi um menino, também com menos de 10 anos, que respondeu sobre a figura inesquecível do grande estadista Presidente Getúlio Vargas. E ainda agora há um que está falando de Nilo Peçanha, filho do meu Estado, natural do município de Campos. Entretanto, essas vocações se perderão se não as olharmos, se não as estimularmos, se o discurso de V. Ex<sup>a</sup> ficar apenas registrado nos Anais desta Casa, e se nossas autoridades civis e militares não levarem a essas crianças não apenas o incentivo da palavra, mas sobretudo o apoio material. V. Ex<sup>a</sup> sabe que há muita coisa que êles precisam utilizar e que seria fácil ao Governo lhes proporcionar. Mas chegam a mendigar — ao que me parece, se é que estou compreendendo o discurso de V. Ex<sup>a</sup> —, êles mendigam um pedaço de duralumínio, com que têm a solda e podem fazer a ogiva de um foguete. Então, V. Ex<sup>a</sup> vai-me permitir: entusiasmado com o seu discurso, quero felicitá-lo, embora desejasse que V. Ex<sup>a</sup> não fôsse interrompido, conservasse a atenção tôda do Plenário e encontrasse justamente ressonância naquilo que vai no coração de todos nós e que é o pedido de apoio para essa juventude. Aqui em Brasília há dêsses mini-gênios, como há na Guanabara, no meu Estado e no Estado de V. Ex<sup>a</sup>. E' uma bossa nova, permito-me falar assim, a dêsses mini-gênios. Aliás, o brasileiro encontrou logo a definição da mocidade que está despertando para êsses problemas inadiáveis da ciência e da tecnologia: mini-gênios. Êles precisam e merecem o apoio do Governo do Presidente Costa e Silva, que é um homem bom, afinado com o progresso do País, do que deu prova ainda agora ao receber o Professor Zerbini para condecorá-lo com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Médico. Permita-me V. Ex<sup>a</sup> mais umas palavras, com que vou encerrar êste aparte já um pouco longo. Ao honrado e eminente Presidente Marechal Costa e Silva, desejo sugerir, com base no discurso de V. Ex<sup>a</sup>, que essas crianças tenham um estímulo moral, sejam levadas ao Palácio Alvorada — além de virem também aqui porque nós queremos conhecê-las — e

recebam um apêto de mão do Primeiro Magistrado do País, significando que, realmente, quer queiramos ou não, quer os recursos sejam fornecidos ou não, o Brasil está com o seu futuro assegurado porque tem uma mocidade assim como V. Ex<sup>a</sup> descreve no seu formoso discurso do dia de hoje.

## DIFICULDADES

O SR. ARNON DE MELLO — Muito obrigado pelo aparte de V. Ex<sup>a</sup>, nobre Senador Vasconcelos Tôrres.

Ouçõ, perplexo, Sr. Presidente, a exposição dos graves cientistas-meninos que, por sinal, são primeiros alunos nos seus colégios, quer nos estudos, quer nos exercícios físicos. Minha mulher, ao lado, tem os olhos marejados de lágrimas, emocionada.

Luís Henrique não diz palavras supérfluas e não se cansa de falar. Conta agora a sua luta e a sua teimosia para, em meio a tôdas as dificuldades que se lhe deparam, manter-se no seu empenho criador pelo futuro do Brasil:

— Quisemos utilizar a oficina da Universidade, mas desistimos da idéia. Perdemos um mês de espera e nunca o chefe das oficinas tinha tempo para nos permitir trabalhar lá. Afinal um construtor, Sr. Ludovico Dalla Bernardina, nos cedeu o porão de sua residência onde executamos nossos trabalhos de oficina.

— E agora? — indago.

— Agora, precisamos de chapa de duralumínio, material com que se faz a cobertura dos aviões e é o mais indicado para revestimento do foguete. Procuramos, no Ministério da Aeronáutica, o Major Seck, a quem pedimos êsse material. O Major, porém, foi transferido para o Estado-Maior da Aeronáutica no Rio, e não sabemos agora a quem recorrer.

Firme e solene como se assumisse um compromisso de honra, declara Luis Henrique:

— Se hoje recebermos a chapa de duralumínio, dentro de quinze dias lançaremos o Alvorada, depois de *checar* tudo.

E ainda, evidenciando o seu espírito precocemente amadurecido e precavido:

— Precisamos, no dia do lançamento, de um helicóptero para recolher o Alvorada, e também da ajuda dos escoteiros do ar para cooperarem na busca do foguete, num raio de 230 quilômetros.

## O QUE JA' FÊZ

Pergunto a Luís Henrique o que fêz o seu grupo nesses três anos decorridos.

— A primeira coisa que fizemos foi um telescópio — apressa-se Francisco, o de treze anos, em responder.

— Como? — indago.

— Reunindo um cabo de vassoura, um tubo da papelão velho, lentes de óculos usados, pedaços de madeira, cola, prego, parafuso e plástico de encapar caderno — diz Luís Henrique. Assim construímos o nosso telescópio, com capacidade de duzentas vezes e seiscentas ampliações.

— Mas logo depois o aperfeiçoamos — volta Francisco a informar.

— Realmente — confirma Luís Henrique. Dez dias depois aumentamos para seiscentas vezes a sua capacidade.

E mais:

— Logo a seguir, começamos a fabricação de pequenos foguetes. Já fizemos 22 foguetes oficiais e 147 não oficiais. Dois deles alcançaram 157 metros de altura, fazendo a máxima velocidade de 49 metros por segundo. Fabricamos os primeiros foguetes com tubos de antena de televisão, e os últimos com tubos de aspirador de pó.

Animam-se os jovens cientistas:

— Desejamos estabelecer em Brasília uma pequena base de foguetes meteorológicos, que auxiliarão o Serviço de Meteorologia, prevendo chuvas ou, nos dias de chuva, verificando a direção dos ventos e a força da tempestade. Antigamente, nos Estados Unidos, com o tempo ruim, enviava-se ao ar um avião com piloto que arriscava a vida, pois necessitava ir ao centro da tempestade. Com o foguete, de fabricação barata, poupam-se vidas e tem-se maior precisão, de vez que êle não falha.

## NOVOS PLANOS

Os planos existem, e Luís Henrique quer executá-los:

— Depois do Alvorada I, pretendemos continuar a série até o Alvorada 8, e tencionamos ampliar a rede de foguetes meteorológicos. Se tudo correr bem, teremos um Alvorada para pesquisar e colhêr dados sôbre o asteróide ícaro, que vai passar em breve a 8.500 quilômetros de distância da terra.

Informa Luís Henrique:

— Ícaro é uma pedra com quatro quilômetros de diâmetro, que preocupa os cientistas do mundo inteiro porque pode chocar-se com a terra.

Agora, dá uma informação e faz um pedido:

— No Serviço de Meteorologia do Ministério da Agricultura, há um equipamento receptor de rádio-sonda que não está sendo usado e isso porque só pode receber onda do rádio-sonda de 1958, já superado. Pedimos êsse receptor ao Diretor do Ministério da Agricultura para nós o recuperarmos e operarmos, mas o Diretor nos disse que só o Ministro poderia atender-nos.

### DA' PENA

Fixa o olhar, como se visse além da parede da sala, e comenta:

— Muitos dos nossos problemas seriam resolvidos com êsse aparelho, que está sendo chutado como uma droga, um trambolho a ocupar espaço, sem conservação e todo empoeirado. Queríamos consertá-lo e utilizá-lo para receber ondas de foguetes meteorológicos.

— Que pelo menos êle nos fôsse emprestado — aduz Francisco, acentuando: gostaríamos também de que nos dessem os rádios-sondas velhos e quebrados que são jogados fora, porque nós os consertaríamos e aproveitaríamos.

Pergunto a Luís Henrique se têm lançado foguetes.

— Há três meses não os lançamos — responde.

E informa:

— Procurei precisamente há três meses o senhor Ministro da Aeronáutica, mas S. Ex<sup>a</sup> não estava. Fomos recebidos

por um oficial a quem solicitamos ajuda. Pediu-nos os papéis que levávamos, e entrou num salão, de onde voltou pouco depois, e nos disse:

— Vocês deveriam ser punidos porque fazem experiências dessa ordem sem licença. Mas o Ministro não os pune desta vez. Vocês devem suspender os lançamentos de foguetes até segunda ordem. Aguardem um comunicado do Ministério.

— Lembro-me de que era dia de chuva e nos molhamos todos para chegar a pé da W-3 ao Ministério — recorda Francisco.

Luís Henrique completa sua resposta:

— Como até hoje não recebemos o comunicado do Ministério, ainda não lançamos mais pequenos foguetes.

### EXAME E LICENÇA

Tem um ar de tristeza contida, e retoma a palavra:

— O lançamento do Alvorada depende naturalmente da permissão do Ministério da Aeronáutica. Vamos mandar o nosso projeto ao exame de um técnico da FAB que lhe apontará as falhas, ou, se estiver tudo certo, autorizará o seu lançamento. O Alvorada já foi registrado na NASA, desde fevereiro deste ano.

Antes de despedir-se, já vai longe a tarde, Francisco, o cientista de treze anos, faz esta observação e este pedido:

— Há casas comerciais que têm peças de rádio usadas e já imprestáveis. Se nos dessem essas peças, nós faríamos com elas os nossos rádios, a serem utilizados nos foguetes.

### CIENTISTAS

Senhor Presidente:

Estão ali, presentes a esta sessão, na tribuna de honra, os jovens cientistas brasileiros (*Palmas*) São eles: Luís Henrique Geotto, 15 anos; Francisco Geotto, 13 anos; Daso Maranhão Coimbra, 15 anos; Paulo Maia de Roure, 16 anos; Ar-

mando Ribeiro da Silva, 15 anos, todos estudantes ginasiais. São pesquisadores, inventores, cientistas: sementes que florescem com um ímpeto mesclado de determinação e reflexão.

A vista dêles, lembro os estudantes londrinos do 3º ano secundário de mecânica que há três anos pediram ajuda do Governo inglês para pesquisarem um nôvo tipo de roda e pouco depois descobriam o *hovercraft*, o colchão de ar que substitui a roda e já utilizado por automóveis, lanchas, aviões e os próprios veículos lunares, o que lhes permite, a uns e outros, transporem obstáculos, aumentarem a velocidade, pou-sarem suavemente, como os helicópteros. E a Inglaterra vende hoje patentes de *hovercraft* para os Estados Unidos e o Mundo todo.

Diante dêses jovens brasileiros, Senhores Senadores, que, ainda no amanhecer da vida, não se contentam com o que estudam e aprendem nos livros de suas séries de ginásio e mergulham no estudo das ciências, fazendo por conta própria, desajudados, desamparados, experiências e pesquisas que interessam fundamentalmente à humanidade — eu ob-servo, ainda através dos jornais desta manhã, o Mundo atormentado pela rebelião dos estudantes, que parece sem fim e se estende por nações as mais diversas nas suas características raciais, nos seus passados e nos seus regimes: a Iugoslávia, França, Itália, Grécia, Espanha, Japão, Bolívia, Uruguai, Argentina, Chile.

### QUE ESTARA' ACONTECENDO?

Que estará acontecendo? Perderam as elites dirigentes a confiança da mocidade, sem a qual inviável se torna o diálogo? Não pode a nossa geração condicionar-se aos novos tempos de modo a entender os jovens que dentro dêles nasceram? Inconformados com a situação de *fôrça potencial*, desejam os jovens afirmar-se. Ou, para usar as expressões de Emile Copermann sôbre os moços alemães: “Êles não querem sômente *vir a tornar-se* alguma coisa mas *ser* alguém.” Êles querem assumir responsabilidade receando que o mundo atual não ofereça perspectivas aos seus objetivos.

Os jovens, Senhor Presidente, que ali vemos, assistindo aos nossos trabalhos de hoje, merecem mais do que a nossa simpatia, merecem o nosso profundo respeito. Ainda que seus estudos e experiências nada representassem, valeria a seriedade dos seus esforços construtivos. Enquanto outros protestam pela violência, recuando-se a confiar, êles querem ajudar o mundo atual a preparar o mundo futuro, na base da ciência e da tecnologia.

*O Sr. Mário Martins* — Permite-me V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. ARNON DE MELLO — Pois não, Senador!

*O Sr. Mário Martins* — Senador Arnon de Mello, estou inteiramente solidário com V. Ex<sup>a</sup> e o felicito. V. Ex<sup>a</sup> faz muito bem em destacar aquêles que estudam, nas escolas ou nos laboratórios, silenciosamente, pesquisando, a fim de que surja um mundo melhor. Entretanto, gostaria de fazer ligeiros reparos à oração de V. Ex<sup>a</sup> quando procura contrastar os que vivem em laboratório, desejando um mundo melhor, com aquêles que vão às ruas para arriscarem as suas vidas, também desejando um mundo melhor. Nós não podemos destacar apenas os que estudam, silenciosamente, sèriamente, aquêles que V. Ex<sup>a</sup> vem apontando na homenagem que aplaudimos e com a qual estamos solidários, e esquecer-nos dos outros. Creio não ser intenção de V. Ex<sup>a</sup>, nem de leve, fazer uma divisão, condenar aquêles que, embora sem a mesma tendência, sem a mesma vocação, muitas vêzes deixam até de estudar para oferecerem a sua contribuição, com o risco da sua vida e da sua liberdade, no sentido do melhoramento e aperfeiçoamento do Brasil. Tenho a certeza de que V. Ex<sup>a</sup> não pretende condenar aquêles que não estão nos laboratórios, mas que inúmeras vêzes deixam de estudar, sacrificando o seu enriquecimento cultural, em favor da participação ativa na luta pela liberdade do País. Sei que êste não é o objetivo de V. Ex<sup>a</sup>. Entretanto, as palavras de V. Ex<sup>a</sup> podem dar a impressão desse confronto, podem dar a entender isso. Assim, peço desculpas, porque tomei a liberdade de apartear V. Ex<sup>a</sup> para dizer que nos rejubilamos com os que estudam e não se distanciam das escolas. Mas, no meu modo de encarar as coisas, devemos também aplaudir aquêles que deixam, muitas vêzes, de aumentar a sua

cultura para dar uma participação mais ativa à luta pelo maior bem-estar do povo e engrandecimento do seu País.

## CONSTRUIR O NÓVO MUNDO

O SR. ARNON DE MELLO — Nobre Senador Mário Martins, tem o meu apoio o ponto-de-vista de V. Ex<sup>a</sup>, e V. Ex<sup>a</sup> o verá no fim do meu discurso. Cada um age de acôrdo com o seu temperamento, e nem a Graça Divina modifica a natureza humana, já dizia Santo Tomás de Aquino. Bem comprêendo as impaciências da juventude que não se sente em segurança diante da rotina com que o mundo velho trata os problemas da construção do mundo nôvo.

Senhor Presidente: Dispensemo-lhes, a êsses jovens cientistas brasileiros, tôdas as atenções, como fazem os outros países com as vocações nascentes. E a resposta que lhes devemos não seja apenas facilitar-lhes os meios com que trabalhem mas concomitantemente nos empenharmos para dar ao Brasil um nível de desenvolvimento correspondente aos tempos modernos.

Senhores Senadores:

A rutura entre as gerações se nos apresenta como a grande ameaça da época atual. Evitar essa rutura é um imperativo de sobrevivência da nossa civilização. E para fazê-lo cumpre não desconhecer nem marginalizar a juventude mas ouvi-la, compreendê-la, dar-lhe participação, que quer dizer integrá-la nas responsabilidades da construção do mundo nôvo como nos deveres de promover uma sociedade de bem estar, dura tarefa que o agravamento dos problemas do povo torna dia a dia mais difícil. E cumpre sobretudo utilizar os instrumentos da ciência e da tecnologia, sem o que será impossível vencer o subdesenvolvimento e alcançar a paz, com a vida melhor para todos.

# **APOIO NO SENADO**



O SR. VASCONCELOS TÓRRES: (\*) Senhor Presidente, Senhores Senadores: — Quero, em primeiro lugar, ainda num eco muito pálido, muito apagado, muito tênue, congratular-me com o Senador Arnon de Mello pelo seu discurso, há pouco proferido.

Observo, ocasionalmente, na Ordem do Dia, item 3, um requerimento de minha autoria, pedindo a transcrição, nos anais, de um editorial do *Diário de Notícias* sobre o poder jovem. Naquele documento, existe justamente aquilo que, nesse estilo nôvo de discurso, o Senador Arnon de Mello fêz. E' a abertura para um diálogo com a juventude que precisa ser compreendida e carece ser estimulada.

### LONGA VIDA PARLAMENTAR

Tenho uma longa vida parlamentar, Sr. Presidente — cerca de 21 anos de mandato ininterrupto — e poucas vêzes vibrei como hoje. Senti que o nobre representante do Estado das Alagoas, Senador Arnon de Mello, não fazia um discurso formal. Tanto quanto pode apreender a psicologia, senti que S. Ex<sup>a</sup> estava quase que em êxtase, numa vibração excepcional, falando com uma eloquência fora do comum. No quadro por êle desenhado, o que me agradou muito foi essa moldura de ouro que aqui está na nossa galeria nobre.

---

(\*) Discurso do Senador Vasconcelos Torres, do Estado do Rio, pronunciado na sessão de 6 de junho de 1968, no Senado Federal, em Brasília, logo após o Senador Arnon de Mello haver deixado a tribuna.

Entre êsses moços, de vários Estados, — V. Ex<sup>a</sup> vai perdoar-me esta manifestação de bairrismo, dêsse bairrismo que, na definição de um escritor brasileiro, é a melhor forma de brasilidade local, pois ser bairrista é ser brasileiro — existem dois fluminenses. Não cogito da certidão de nascimento dêsses jovens. O que mais me importa é que êles têm o sentimento da nacionalidade numa hora em que o conservadorismo ultrapassado procura ser injusto com a mocidade, não a compreende e a ataca. Quando alguns jovens deixam o cabelo crescer, quando vão para um gênero musical diferente do nosso, para a música electrônica e de ritmo inteiramente diverso, com as suas novas inspirações, essa nossa juventude caluniada, ultrajada, está dando prova do quanto é capaz através dêstes meninos aqui presentes. Sem recursos, sem meios, forrados, apenas, por uma tonelagem imensa de idealismo, preocupam-se os jovens cientistas que agora se encontram na nossa tribuna de honra com o que, dentro em breve, será rotina na Humanidade: o ingresso na era atômica e na era espacial.

Estou fugindo um pouco à praxe, porque não faço pròpriamente um comentário ao discurso do brilhante Senador Arnon de Mello, intelectual e jornalista primoroso que reafirmou, hoje, sua vocação, através da exposição que nos fêz sôbre os esforços dêsses moços que apenas reivindicam o direito de ser pioneiros, porque pioneiros o são, no porão que lhes emprestou um comerciante. Êsse comerciante merece nosso elogio: tem de ser notabilizado numa hora em que no Brasil há tanto egoísmo, tanto individualismo e ausência de grupalismo. Êsse cidadão, mencionado pelo Senador Arnon de Mello, está dando um exemplo de compreensão da juventude da nossa terra.

### SAUDAÇÃO

Saúdo também êsses mini-gênios, êsses cientistas mirins, êsses garotos, que se acham imbuídos da noção exata de que esta Pátria será colocada no lugar que merece. E quando vejo a onda de pessimismo dominar tantos descrentes, dêsses

moços recebo uma dose de óleo canforado emocional que me enche de entusiasmo.

Sr. Presidente: jovem estudante de direito, ao lado de outros companheiros, convivi com um dos maiores sociólogos da nossa Pátria, Oliveira Vianna, aquêlo que escreveu “Populações Meridionais do Brasil”, “Evolução do Povo Brasileiro” e “O Ocaso do Império”. Desejo nesta oportunidade citar um fato da biografia de Oliveira Viana, que escrevi, e que por sinal o Senador Guido Mondin me deu a honra de ler antes de me conhecer, interrogando-me a respeito logo que nos encontramos aqui no Senado. Oliveira Viana nasceu em Saquarema em um ambiente pobre, eminentemente rural. No curso primário foi colega de um jovem chamado Joaquim, o primeiro aluno da turma, com quem Francisco José de Oliveira Viana tirava as suas dúvidas, quer em Português, quer em Matemática, quer em História do Brasil. Terminado o curso primário, o nosso sociólogo transferiu-se para a Capital do Estado onde cursou Direito e, posteriormente, Engenharia. Aluno brilhante, conseguiu os dois diplomas. Voltando à terra natal, coisa que todos nós fazemos com unção quase religiosa, quis Oliveira Viana rever os seus antigos colegas. Procurou em primeiro lugar, entre os alunos da sua turma, aquêlo que era o *primus inter pares*, a inteligência máxima de Saquarema, e lhe informaram que o Joaquim estava na lavoura, segurando o cabo da enxada. Contando isto, no seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras, Oliveira Viana quis demonstrar que, se o Joaquim tivesse tido a mesma oportunidade que lhe fôra oferecida, talvez pudesse ultrapassá-lo em conhecimentos, talvez pudesse ser um grande advogado ou um grande engenheiro.

#### OLIVEIRA VIANNA

O Sr. Arnon de Mello — Permite V. Ex<sup>a</sup> um aparte?

O SR. VASCONCELOS TORRES — Com prazer.

O Sr. Arnon de Mello — Manifestando-lhe meus agradecimentos pelas suas generosas palavras a meu respeito, desejo também exprimir-lhe minha satisfação por ouvi-lo falar

de Oliveira Vianna. Fui também um dos amigos do sociólogo e escritor a quem muito estimava, embora nem sempre comungasse com as suas idéias. Por várias vezes atravessei a baía da Guanabara para visitar na casa da Alameda São Boaventura, em Niterói, onde morava, a Oliveira Vianna que, estudioso dos nossos problemas e tão versado em História do Brasil, se especializou no fim da vida em assuntos trabalhistas.

O SR. VASCONCELOS TÓRRES — Exato. E foi ao lado de pessoa muito chegada a V. Ex<sup>a</sup>, o primeiro Ministro do Trabalho do Brasil, Lindolfo Collor, que êle, como jurista, pôde ser o formulador daquilo que representaria um avanço maior no direito social brasileiro, terminando aquela época em que as questões sociais trabalhistas eram resolvidas a pata de cavalo.

*O Sr. Arnon de Mello* — Eram questões de polícia.

O SR. VASCONCELOS TORRES — Exato. Mas, voltando ao caso do Joaquim, colega de Oliveira Viana, primeiro da sua turma e, decorridos muitos anos, trabalhador de enxada, eu agora desejaria perguntar ao Senado: se nós não auxiliarmos êsses jovens, quantos joaquins não estarão ali? Desestimulados, sem os recursos dos Ministérios especializados, cada um seguirá seu caminho, sua estrada, e vamos perder, Sr. Presidente, aquilo que em todo o mundo é apreciado: o pendor vocacional. Essas vocações, se não forem estimuladas, se perderão.

### EXEMPLO DE MÃE BRASILEIRA

De que vale, Sr. Presidente, êsse discurso do Senador Arnon de Mello, que eu poderia dizer acadêmico pela beleza literária com que foi feito; de que vale a ternura da Senhora Arnon de Mello, Dona Leda Collor de Mello, que está ali, na nossa tribuna de honra, como exemplo da mãe brasileira, estimulando os estudantes brasileiros, a vibrar com êsse movimento juvenil em Brasília, — se, como infelizmente ocorre, tudo que se fala aqui no Congresso fica sem éco lá fora? Estamos tão perto do Palácio do Planalto e, paradoxalmente, tão distante! Parece que o Senado, que tem a forma de uma abóbada, de uma meia-lua — que é, justa-

mente, aquilo que representa a metade esférica da terra — embora tão perto do Palácio do Planalto, fica a uma distância imensa dêle, tornando-se necessário imaginar foguetes para fazerem chegar as palavras do Senador Arnon de Mello até lá, e, lá, serem recolhidas, para então o Sr. Ministro da Educação chamar todos êsses jovens cientistas a fim de procurar saber dêles o que desejam e olhar com seriedade o assunto. Se não houvesse seriedade, um Senador da República não iria ocupar a atenção dêste Plenário com tema tão importante.

Sr. Presidente, estou vibrando de entusiasmo, no dia de hoje. No aparte que dei ao Senador Arnon de Mello, não pude distinguir bem entre o Senador, o pai e o brasileiro. Mas acho que agora, depois que S. Ex<sup>a</sup> falou, posso reunir essas três coisas num cadinho cívico e fazer com que, neste precipitado, haja um sentido de apêlo às nossas autoridades, para que os jovens não venham a sentir aquilo que há de pior no mundo, que é a descrença.

### AÇÃO IMEDIATA

Ao confôrto das palavras, deve suceder, na minha maneira de pensar, uma ação imediata. O Senado possui agora a Comissão de Energia Nuclear. O Brasil ingressa na era atômica embora ainda engatinhando. Temos um Ministro das Relações Exteriores — S. Ex<sup>a</sup>, o Chanceler Magalhães Pinto, hoje, aliás presente em Brasília — que declarou que o Brasil não assinará o Tratado de Não Proliferação de Armas Atômicas, porque precisa ampliar suas pesquisas. Entretanto, ao mesmo tempo que afirmou isso na ONU, nós líamos que o Brasil reduziu a verba para a Comissão Nacional de Energia Nuclear. Mas o Brasil precisa quanto antes ingressar na era nuclear, que há de marcar o progresso do Mundo, e o nosso particularmente. Temos condições especialíssimas, de vez que minérios raros, que podem propiciar o desenvolvimento da energia nuclear, existem aqui na nossa terra. E' o caso das areias monazíticas, que durante muito tempo foram contrabandeadas. Ninguém entendia de energia nuclear, e os navios estrangeiros no litoral

do Espírito Santo, em Guarapari, e no Estado do Rio, em Macaé e Rio das Ostras, enchem-se de areia monazítica, e se dizia que era lastro para êles.

## OUTRO ASSUNTO

Sr. Presidente, êste não era o assunto que eu pretendia abordar no dia de hoje. Mas se criou uma tal atmosfera, uma tal explosão sentimental, um cogumelo atômico verbal, com o discurso do Senador Arnon de Mello, que eu, ainda sob o efeito dessa irradiação, entendi que também deveria prestar minha homenagem a êsses jovens cientistas, para que sentissem que o homem do Nordeste, falando, empoçou um homem do Sul. E, aqui, a atenção com que o Senador Arnon de Mello foi ouvido e a emoção que nos provocaram as suas palavras, serviram de elemento para que eu ocupasse esta tribuna, e embora pretendendo abordar outro assunto — afinal de contas já estou me alongando em demasia — me circunscrevesse a mais uma vez aplaudir a manifestação do nobre Colega representante das Alagoas.

## TURISTAS

O Senado tem tido muitas visitas ilustres, meus jovens estudantes. Brasília é uma cidade interessante que talvez atraia mais gente de fora, principalmente americanos, do que pròpriamente brasileiros. Mas eu queria ressaltar a importância especial da presença aqui dos cientistas meninos, com a qual vibro entusiasmadíssimo.

Na carreira que abraçamos — a política —, há muito pessimismo, muita intriga, muita calúnia, muita destruição, muito reacionarismo. Há também os que não acreditam na mocidade brasileira. Mas, hoje, tivemos uma lição de fé. Êsses jovens que aqui se encontram presentes nos estimulam, nos fazem crer no futuro desta Pátria. Êles deram ao foguete o nome de Alvorada. Alvorada, Sr. Presidente significa, como se sabe, algo que resplandece, e eu poderia dizer, como já foi dito há pouco, e tem de ser justamente as-

sim: o Brasil não é um país noturno, não é um país da noite, é um país da alvorada. Aquêles que estão construindo êsse mini-foguete Alvorada abrirão novos horizontes, clarearão os caminhos escuros dos que pensam que o Brasil há de ser sempre ronzeiro, modorrento, colonial, antigo. Essa mocidade, Sr. Presidente, se engrandece a si própria, e V. Ex<sup>a</sup> vai-me permitir que eu encerre o meu discurso assim: ela engrandece também o Senado com a sua presença entre nós.



## **f N D I C E**

	<b>Página</b>
Manifestação do Ministro do Exército . . . . .	<b>3</b>
O Brasil não está indiferente aos novos tempos . . . .	<b>7</b>
Apoio no Senado . . . . .	<b>29</b>

Senado Federal



SEN00032984